

Professora: Gracielle Leite da Silva

EE Pedro de Oliveira – Carangola/MG

Título

Educação do campo: um jeito de ensinar através do meio onde se vive.

Resumo

Síntese de experiência:

Na busca por dar suporte aos alunos, ouvir suas ideias, sugestões e até mesmo suas reclamações, incentivando sua ativa participação no processo educacional, de forma a valorizar sua cultura e história de vida no campo, idealizei o projeto Educação do campo: um jeito de ensinar através do meio onde se vive.

A partir do relato de experiência de moradora antiga da comunidade, estabeleci propostas pedagógicas que valorizassem um ensino coerente com o meio do qual o aluno faz parte, valorizando sua diversidade cultural e motivando-o para uma aprendizagem mais significativa.

Com essa experiência, concluí que o envolvimento da escola com a comunidade é de extrema importância para o processo aprendizagem do aluno. O campo oferece amplas oportunidades de se trabalhar conteúdo multidisciplinar de forma efetiva, e a união da equipe docente é imprescindível no cotidiano escolar. Ficou curioso? Então fique de olho.

Planejamento

OBJETIVOS DO PROJETO

Esse projeto surgiu com a intenção de inverter o quadro de desmotivação e insatisfação dos alunos do campo com o ensino. A princípio, esse trabalho foi destinado à minha turminha do 2º ano do ensino fundamental, composta de 19 alunos. Mas ao iniciar minhas pesquisas para traçar um caminho promissor, deparei-me, não com um problema isolado (minha turma), e sim de abrangência escolar, pois nossos alunos encontravam-se desmotivados, não viam perspectiva de futuro para almejar um porvir de sucesso através dos estudos. Diziam as crianças, e principalmente os adolescentes, que para trabalhar na roça e no curral não precisavam de estudos, e acabavam perdendo o interesse nestes.

Nessa mesma linha de pesquisa para solucionar e encontrar alternativas para essa realidade, deparei-me com alguns professores com dificuldades em adequar o currículo com a realidade local. Suas maiores dificuldades eram fazer a conectividade dos conteúdos obrigatórios com o meio no qual os estudantes estão inseridos, e dessa forma não conseguiam desenvolver um trabalho que considerasse a cultura, os saberes, as experiências e a dinâmica do cotidiano dos alunos do campo. Caldart (2002, p.18) alerta-nos que a escola no/do campo representa não só o direito de as pessoas terem acesso a uma educação no lugar onde moram, mas também a necessidade de construção de um projeto educativo que considere a participação das pessoas, sua cultura e necessidade.

Partindo dessas observações e de minhas concepções de ensino, notei que era preciso intervir, fazer algo que modificasse o pensamento de alunos insatisfeitos com o ensino e a insegurança de alguns professores que permaneciam com práticas didáticas incoerentes com a realidade local

da escola. Em todo momento sempre estive ciente de que seria uma tarefa árdua, mas, com um desejo profundo por mudanças e por ser uma profissional preocupada e ciente do meu papel na comunidade escolar, vi-me na condição de agente de transformação. A primeira complicação enfrentada foi reunir toda escola para apresentar e discutir sobre as propostas do meu projeto, uma vez que queria abranger não só minha turma, mas todos da escola desde os anos iniciais até as séries finais.

Eu tinha a total consciência que sozinha não conseguiria realizar um trabalho de excelência com resultados expressivos e necessários. Então recorri aos funcionários da escola através das reuniões de módulo, busquei parceiros na comunidade para o enriquecimento do projeto. Um dos pontos mais positivos a meu ver foi a boa receptividade dos professores ao ficarem cientes das propostas do trabalho e dos objetivos traçados nele. Ele traz como objetivos: articular e valorizar a experiência histórica e cultural dos alunos do lugar; interligar ações planejadas dos conteúdos necessários para o desenvolvimento das habilidades curriculares de formas articuladas e simultâneas com as vivências e experiências dos alunos do campo.

A Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996 (LDB), no artigo 28, vem ressaltar que, no oferecimento da educação básica para a população rural, o ensino deve sofrer as adaptações necessárias às peculiaridades da vida rural de cada região. Adequações estas quanto aos conteúdos curriculares e metodologias a serem utilizadas; quanto à organização escolar e do calendário respeitando os ciclos agrícolas e condições climáticas; bem como à natureza do trabalho na zona rural.

Diagnóstico

A comunidade na qual se encontra nossa escola está localizada no distrito de Ponte Alta de Minas, a 25 quilômetros do município a qual pertence, Carangola – MG. Com aproximadamente 3.000 habitantes, sua economia gira em torno da agricultura e da agropecuária, mas o forte mesmo é o café, essa cultura está por toda parte, tornando-se a maior fonte de renda para os pequenos agricultores, parceiros rurais e pessoas do nosso pequeno distrito que se deslocam para o campo, de onde tiram o próprio sustento. Uma das peculiaridades do lugar é no período da safra, muitos alunos se evadem da escola para apanhar café ou ficar nos terreiros de cafés ajudando os pais no aumento da renda, dessa forma, os estudos são prejudicados com a rotina desse trabalho que exige dedicação e tempo.

Cerca de 350 alunos são matriculados nessa pequena escola, desse total, 80% são da zona rural. Alunos que dependem do transporte público a fim de se deslocarem de suas residências até a escola, onde, infelizmente, esses transportes se encontram lotados e sem nenhuma segurança. A escola atende desde os anos iniciais até o ensino médio nos três turnos, possui oito salas de aula, encontrando-se no momento em reforma, que está paralisada há cerca de um ano, impossibilitando os alunos a terem acesso à sala de informática e biblioteca, prejudicando, por meio da falta de recursos, seus aprendizados. Não temos uma quadra de esporte e o pátio da escola é muito pequeno para as atividades externas. As aulas de Educação Física acontecem na praça da comunidade ou em um campinho próximo à escola. Há uma deficiência da referida instituição, é a incipiência de recursos didáticos audiovisuais e de informática. Possuímos um *Datashow*, um DVD, uma televisão e um aparelho de som.

Apesar dos problemas da falta de infraestrutura e recursos, temos o mais importante, o recurso humano, pessoas que buscam dar o melhor de si, mesmo tendo dificuldades de como agir em

determinadas situações, não dispensam ajuda e se propõem a encontrar soluções para os problemas diários, isso fortalece nossos laços em equipe. E unidos no sentido de melhorar a educação com resultados expressivos, pensamos em oportunizar e articular saberes de diversas áreas de conhecimento, interligando experiências e saberes dos alunos através da cultura local com a interdisciplinaridade dos conteúdos.

Trabalhar com palestra ministrada por moradora antiga da comunidade possibilitaria aos alunos o resgate da história do lugar e suas peculiaridades, oportunizaria o encontro da identidade local com sua vivência de forma valorosa ao compreender suas raízes mais profundas. Dei ênfase aos valores de outrora possibilitando aos alunos vislumbrar as mudanças ocorridas no lugar onde vivem.

A roda de conversa se fez presente desde o início da inserção do projeto, como forma de atingir nos alunos o mais íntimo sentimento de se sentirem ouvidos e compreendidos, valorizando e respeitando sua história. Claro que não poderia deixar que as palavras ditas por eles nas rodas de conversas, deixasse o vento as levarem, aproveitei para trabalhar com os registros escritos e visuais nas aulas, dando ênfase nos desejos deles em escrever experiências e sonhos ou suas frustrações, pois sabia que seria um ótimo momento de se expressar através da escrita e do desenho, e assim pude interligar e desenvolver habilidades dos eixos das disciplinas de Português e Arte.

A partir do exposto, queria saber mais sobre esses alunos. Gostaria de entender a realidade familiar e me aproximar de forma mais afetiva, contribuir para o autoconhecimento de cada envolvido nesse trabalho, uma vez que enfrentavam dificuldades de fazer ligação dos conteúdos com suas vivências, o que refletia na aprendizagem em sala de aula. Assim, foquei em conhecer os valores que os norteavam.

Desenvolvimento

Não poderia dar início a esse trabalho sem maiores informações a respeito dos alunos, apenas me embasando em conjecturas, precisava de muito mais, precisava conhecer de forma contundente e profunda o contexto em que esses alunos viviam e me aproveitar disso para o ensino dos conteúdos interdisciplinares. Conteúdos esses que foram pensados e selecionados a partir do real significado que têm para eles. Para tal seleção requeri procedimentos de investigação da minha parte e da parte de meus colegas de trabalho, de forma que pudemos determinar quais conteúdos iriam contribuir nos diversos momentos pedagógicos para a ampliação dos conhecimentos dos educandos. Realizamos, a partir do mês de abril deste ano, estratégias metodológicas dialógicas, nas quais a indagação foi frequente, exigiu-me muito estudo, preparo das aulas que possibilitassem relacionar os conteúdos científicos ao mundo de vida que os educandos trazem para sala de aula.

As Diretrizes Operacionais para a Educação Básica nas Escolas do Campo de 2002 estabelecem “Propostas pedagógicas que valorizem, na organização do ensino, a diversidade cultural e os processos de interação e transformação do campo, a gestão democrática, o acesso do avanço científico e tecnológicas e respectivas contribuição para a melhoria das condições de vida e a fidelidade aos princípios éticos que norteiam a convivência solidária e colaborativa nas sociedades democráticas aptas” (Brasil, 2002, p.25).

A partir de tais necessidades, pensei em um trabalho que envolvesse todos os alunos, funcionários e família na escola. A comunidade também não poderia ficar de fora, teria que ser envolvida, como colaboradora do projeto, porque a escola necessita dialogar com o meio do qual faz parte, adicionando experiências a esse meio. Portanto, precisávamos de uma mobilização geral. Foi onde levei a ideia para outros professores através das reuniões de módulo. Os meus colegas puderam ouvir as propostas, os objetivos e as metas a alcançar, dei total liberdade de eles opinarem e até fazerem alterações se fosse necessário.

No início os professores do ensino fundamental II e médio ficaram um pouco assustados, acharam que seria complicado desenvolver um projeto que abrangesse toda escola, onde tivesse que adaptar as propostas contidas nele com sua matéria específica. Vi nessa reação a resistência em sair dos conteúdos rotineiros e inovar suas práticas didáticas. Mesmo diante de tal reação não desisti, decidi enfrentar os percalços e prosseguir no projeto. Já os professores dos anos iniciais tiveram uma melhor aceitação, pois estão acostumados a incluir projetos em seus planejamentos. Depois de muita conversa e grandes reflexões, em conjunto traçamos o melhor itinerário a seguir de forma efetiva e organizada.

Para iniciar os trabalhos, cada professor dos anos iniciais fez uma roda de conversa com sua turma, levamos para os alunos a ideia de convidar uma moradora antiga para falar sobre suas experiências vividas durante a infância. Nesse momento os alunos teriam um papel fundamental, seriam responsáveis por criar perguntas para a entrevistada. Foi aí que me surpreendi: minha turma se interessou e as perguntas foram surgindo mais e mais. Fui registrando no quadro tudo o que eles queriam saber, pois eles iriam reproduzir textos e ilustrações baseados nesse relato.

Esse levantamento continha perguntas que os alunos gostariam de fazer a essa pessoa mais velha e surgiram várias curiosidades: perguntaram sobre os estudos, como era a escola, a merenda, como os alunos da zona rural se deslocavam de sua casa até a escola, como eram seus professores, castigos, brincadeiras, quiseram saber também como era o relacionamento entre filhos e pais, se contavam histórias ou lendas, quais eram os valores daquela época, como era seu cotidiano. Enfim, a quantidade e qualidade das perguntas me surpreenderam. “A partir dos conceitos cotidianos, a professora, por meio da mediação, estimula as crianças a refletir, transformando os conceitos cotidianos em conceitos científicos” (VYGOTSKY, 1994).

A partir dessa vontade e curiosidade manifestada pelos alunos, convidamos a moradora antiga da comunidade para vir até a escola. Dessa forma, poderíamos possibilitar o encontro dela com a comunidade escolar, facilitar uma interação entre escola e sociedade, possibilitar uma troca de ideias entre distintas gerações.

Reunimos todas as turmas dos anos iniciais em uma sala grande da escola para os alunos tirarem as dúvidas manifestadas anteriormente e ouvir as histórias e relatos dela do seu tempo de menina. No decorrer da conversa, em um momento eles tiveram uma grande reação de espanto ao saberem dos castigos que os alunos de antigamente sofriam na escola quando desobedeciam e não faziam o dever de casa. Eles ficaram impressionados em saber como a vida de antigamente era mais difícil, mas a palestrante demonstrou o quanto era feliz naquele tempo, quando se podia dormir com portas e janelas abertas, quando o povo se reunia na igreja e na praça e por horas ficavam conversando, já que naquele tempo não existia celular e nem internet. Eles perceberam que das brincadeiras de antigamente, algumas ainda permanecem nos dias atuais. Esse momento

foi muito proveitoso, pois pudemos fazer uma ligação com o passado e o presente e observar as mudanças ocorridas no decorrer do tempo. [Anexo 1]

Foi gratificante observar a narração das histórias, ela dizia com o olhar às vezes preso em um passado de saudades e outro sorridente com as curiosidades daquelas crianças. Os alunos também se emocionaram e se alegraram com o relato, ouviram atentamente cada palavra.

Nas aulas seguintes, nas séries iniciais, demos gancho no que foi falado e ouvido na palestra e desenvolvemos atividades de produção escrita com o tema Minha vida no campo. Esse tema proporcionaria maior domínio e autonomia na escrita deles, já que se encontram como protagonistas da própria história. Aproveitamos dessa forma para trabalhar e desenvolver competências e habilidades curriculares necessárias para o avanço do conhecimento, e por outro lado essa atividade propiciaria conhecê-los melhor ao descobrir o que cada um tem a dizer sobre o seu cotidiano, sua família, suas alegrias e até mesmo as frustrações presentes em suas vidas.

Minha maior preocupação foi com o 1º ano do ensino fundamental em realizar essa tarefa, pois nessa série os alunos não desenvolveram tais habilidades para produzir um texto com independência. Mas, para a minha alegria, a professora, com sua grande experiência profissional, soube conduzir sabiamente em conjunto com a turma a elaboração da produção escrita, em que integrou a oralidade com a opinião de todos em um texto coletivo, tornando-se mediadora e escriba da turma.

Os professores do 2º ao 5º ano puderam adequar as propostas de uma produção escrita de acordo com o nível da turma e a realidade em que se encontravam, priorizando competências específicas e elevando o nível de complexidade do texto com o grau de escolaridade da turma. As etapas dessa atividade aconteceram das seguintes formas: cada professor ficou responsável em abordar um gênero textual e trabalhar sua produção escrita de acordo com as características específicas desse gênero. Eu, como professora do 2º ano, trabalhei com produção de poesia, com esse gênero pude destacar os aspectos presente nesse tipo de texto como: versos, rimas, estrofes e palavras.

Deixamos os alunos realizarem suas produções livremente. Esse primeiro momento foi com a intenção de não interferir no processo escrito deles, pois mais adiante iríamos trabalhar em cima dos erros cometidos.

Como profissional e mediadora do conhecimento, acredito que, ao avaliar o erro do educando, lhe favoreceria oportunidades de progresso, ao contrário de ignorá-lo, que simplesmente deixaria o aluno fadado a cometê-lo. Então esse momento me viabilizaria recursos para avançar na aprendizagem deles de forma significativa. Sabiamente Azenha (*apud* Emília Ferreiro, 1994) explicita que diante do “erro” observado nas realizações da criança, o interesse construtivista não é aponta-lo, é descobrir suas razões.

Após as produções prontas, iniciamos outra etapa com os professores, a de transcrever fielmente os textos deles para um editor de texto no computador. Foram uns dos momentos mais trabalhosos, pois requereu tempo e empenho por parte de nós em digitar texto por texto, mas acreditávamos que era um trabalho indispensável para atingir um objetivo maior.

Na etapa seguinte, montei o *Datashow* na sala e conversei com eles o que aconteceria naquele momento. Expliquei que seria uma atividade diferenciada e que precisaria da participação de todos para corrigir em conjunto possíveis erros apresentados nas redações.

Perrenoud (2000) proclama que todos tenham direito de errar para evoluir. Ninguém aprende sem errar. Errando, reflete-se mais sobre o problema e sobre as ações usadas para resolvê-lo. Segundo Demo (2001, p. 50) o erro não é um corpo estranho, uma falha na aprendizagem. Ele é essencial, faz parte do processo.

E com essa intenção de desenvolver um trabalho simultâneo com a turma que os levassem a uma reflexão em desenvolver a consciência crítica, o que conseqüentemente promoveria momento de aprendizagem sobre a gramática, pontuação, concordância e coerência do próprio texto.

Deparo-me com um momento de grande decepção, pois nem todos reagiram com entusiasmo como previsto. Minha aluna, ao ver seu texto na tela para ser corrigido em conjunto com a turma, entrou em crise de choro e não quis que seu texto fosse corrigido com os demais. Fiquei muito preocupada com essa reação, não esperava esse tipo de comportamento. Ela disse: "Tia, eu estou com medo de os meninos rirem de mim". Então cheguei até ela, abaixei para ficar na mesma altura, olhei em seus olhos e expliquei a real intenção desse trabalho, tentando mostrar os erros como naturais, de forma que ela e os demais que ainda estavam com dúvidas pudessem compreender o porquê desse trabalho. Após explicar perguntei-lhe se poderia dar continuidade no seu texto, ela balançou a cabeça com sinal positivo, demonstrando compreensão. Enxugou as lágrimas, me deu um sorriso e conseguimos dar sequência.

Tenho total consciência da complexidade que há em avaliar o erro do educando, pois qualquer atitude grosseira por minha parte poderia provocar transtornos ao processo de aprendizagem da criança. Precisei em todas as etapas ter cautela ao avaliar o erro do aluno, para de fato servir de instrumento norteador de aprendizagem qualitativa.

Para Macedo (1989) o erro e o acerto não são privilégios de quem sabe, mas são caminhos necessários ao conhecimento. O erro é encarado como instrumento riquíssimo para compreensão do processo da estruturação do pensamento do aluno, um ser em formação e sua condição de ser em desenvolvimento.

Ao ler com a turma e acompanhar o texto deles, pude notar algo em comum, a presença das características do interior e suas peculiaridades retratadas e incorporadas nas situações presentes do cotidiano como as plantações; as hortas em cada moradia; a criação de animais para a subsistência familiar; animais de estimação e os pais agricultores. Demonstraram em cada palavra o quão marcante e significativo é a vida simples do campo para meus pequenos. E isso me emocionou muito ao ver como eles haviam transcrito suas histórias e conseguido "capturar" cada momento que consideravam importante em suas vivências.

Finalizamos essa atividade com a reescrita do texto original, dando ênfase nas mudanças ocorridas durante o processo de correção, aproveitei desde o início para trabalhar a oralidade, em que eles puderam analisar e comentar as mudanças ocorridas no próprio texto. Dessa forma todas as habilidades presentes nos eixos de português puderam ser trabalhadas simultaneamente. Tornou-se um momento significativo ao fixar o conteúdo trabalhado com as histórias de vida deles.

O próximo passo foi propor aos alunos a ilustração dos textos produzidos por eles. Eles tinham a missão de dar vida ao texto através do desenho. Minha grande vontade era utilizar-se de tela, tinta, pincel para que esse momento fosse diferente e marcante, mas eu estava limitada, a escola não se dispunha de recurso para as compras de tais materiais, fiquei frustrada.

Então pensei: se pertencemos ao campo, por que não usufruir de materiais que a própria natureza proporciona?

Mesmo não disponibilizando dos materiais previstos no planejamento, tive que tomar outro rumo e pensar em alternativas que viessem ao encontro das atividades pensadas no início e assim manter os objetivos propostos no planejamento e despertar a criatividade e a imaginação dos meus alunos, de forma que pudessem refletir na arte sua visão de mundo.

Junto aos alunos buscamos ao redor da escola materiais como folhas secas, gravetos, serragem, tudo aquilo que poderia contribuir para a aula de arte na sala. Dessa forma eles puderam criar imagens, formas e objetos presentes em seu cotidiano. De acordo com Buoro (2000, p.39), "Arte se ensina, Arte se aprende".

Como essa atividade tomou um novo rumo, isso me proporcionou acrescentar mais assuntos ao trabalho e um deles foi sobre o meio ambiente. Esse "improvisado" veio a somar, pois possibilitou discutir e refletir sobre a importância da preservação ambiental e o respeito que temos que ter pela natureza. Sei o quanto é importante lidar com desafios decorrentes no trabalho, pois infelizmente não é somente em minha escola que a falta de materiais se faz presente, mas são fatos observáveis em outras escolas da região, e cabe a nós professores não deixarmos a peteca cair e dar a volta por cima, pois no futuro saberemos o quão beneficiados foram nossos alunos pelos nossos esforços hoje e isso é o que realmente importa para todos nós.

Por fim, uni-me com a professora de educação física e levamos a ideia para a direção, a de realizar na escola um dia de entretenimento com a família, com direito a lanche, café e muita diversão. Eles ouviram as propostas e as intenções contidas nele, deram-nos total apoio e liberdade para colocar em prática e se dispuseram a nos ajudar no que fosse preciso.

A intenção foi trazer o maior número de pais para o ambiente escolar e assim quebrar o paradigma que família só se faz presente quando há uma reclamação do filho, ou comunicar alguma exigência ou somente para a entrega formal de boletins, mas ao contrário disso podemos proporcionar aos pais momento de lazer, prazer e aprendizagem. A ideia foi deixá-los felizes por poder fazer parte da escola, sentir-se valorizados e torná-los participantes ativos no processo de aprendizagem de seu filho. [Anexo 2]

Todos os alunos já estavam muito ansiosos e eufóricos para o grande acontecimento. Até que chegou o dia esperado por todos!

Ao resgatamos as brincadeiras antigas, os alunos foram estimulados a ampliar seu repertório de atividades lúdicas. Como foi dito anteriormente, pertencemos a uma pequena comunidade e mediante as mudanças e transformações decorrente com tempo sobre o uso das novas tecnologias e sua evolução. Não poderia ser muito diferente conosco, pois muitos dos alunos têm contato com rede de internet pelo celular e têm equipamentos eletrônicos em casa (TV e rádio), e isso faz com que os nossos alunos sejam mais seletivos e acabem optando por jogos eletrônicos, deixando as brincadeiras tradicionais de lado.

Todos os pais foram convidados por meio de seus filhos a vir à escola, para recordar e reviver suas brincadeiras de infância junto a eles. Cada aluno teve a missão de trazer alguém da família para recordar as brincadeiras de antigamente. Os alunos já tinham ciência de quais brincadeiras antigas iriam abordar nessa recreação, pois estas foram mencionadas anteriormente no depoimento da palestrante antiga da comunidade.

Nossa supervisora aproveitou a oportunidade do momento para conversar com os pais sobre a importância do envolvimento da família com a escola para aprendizagem de seu filho. Em seguida brincamos de corre cutia, passa o anel, pula corda, queimada e amarelinha, até os professores entraram na brincadeira junto aos pais e alunos. Foi muito divertido porque havia brincadeiras que há muito tempo os pais não recordavam e os alunos, ao nos ver naquele pique total, acharam muito engraçado e isso acabou despertando a atenção para que todos participassem dessa recreação com muito entusiasmo. Foi um momento único, marcante e de grande aproximação entre família e escola.

A parceria da família com a escola sempre será fundamental para o sucesso da educação de todo indivíduo. Portanto, pais e educadores necessitam ser grandes e fiéis companheiros nessa nobre caminhada da formação educacional do ser humano.

O projeto se estendeu para as outras turmas agora com os jovens adolescentes, só que com um propósito diferente, a de despertar a motivação deles pelos estudos, pois a falta de motivação dos alunos pelos estudos era mais nítidas nos adolescentes, sendo observáveis por todos da escola. Isso levou os professores a elaborar estratégias que envolvessem os alunos e os levassem a refletir e analisar sobre suas vivências. Para atingir os objetivos propostos nesse projeto, contamos com uma parceira muito importante para palestrar, a radialista do nosso município, que abordou assuntos de interesse dos adolescentes.

Ela, com grande propriedade, soube conduzir os alunos a uma reflexão profunda, mostrando a eles, através de argumentos coerentes com a realidade vivida por eles, o que realmente vale a pena nessa vida, os verdadeiros valores e a autoestima. Ela sabiamente mostrou em cada ponto articulado o verdadeiro valor que cada um tem e o que cada um representa para as pessoas que as amam de verdade. A magnitude do momento foi tão forte que para alguns a emoção tomou conta ao atingir o mais profundo sentimento de se identificar naquelas palavras ditas por ela.

Coube aos educadores no decorrer do projeto proporcionar atividades curriculares interligando a história dos alunos com a realidade que se encontram, por isso, a ação educativa dessa palestra somou para que outras atividades na escola propiciassem aos estudantes oportunidades para que estes fossem ouvidos e induzidos a um esforço intencional, visando resultados esperados e compreendidos por todos envolvidos no processo aprendizagem. Mais do que considerar a cultura local e suas vivências, é ampliar novos caminhos e horizontes para uma aprendizagem significativa, que englobasse várias questões e condições básicas: a motivação, o interesse, a habilidade de compartilhar experiências e a de interagir com os diferentes contextos são algumas delas. Pensando nisso, professores do fundamental II e médio planejaram e oportunizaram aos alunos uma viagem para o Rio de Janeiro, possibilitando o encontro a outras culturas.

Os estudantes tiveram experiências únicas nesse passeio. Conheceram o museu do Amanhã e o Espaço Cultural da Marinha. Os mesmos manifestaram uma alegria sem dimensão ao estar em um lugar distante de sua realidade, seus olhos brilhavam ao ver o tamanho da cidade do Rio de Janeiro e a dimensão do mar. Muitos não conheciam a praia até então. Momento indescritível e emocionante, acredito que jamais irão esquecer tudo quanto foi vivenciado nessa excursão.

Avaliação

Aprendizagem

Resultados: A avaliação foi um processo contínuo e reflexivo, em todas as atividades desenvolvidas foram observada a participação e envolvimento dos alunos ao longo do trabalho.

Depois da realização desse projeto, notei que meus alunos se sentem mais confiantes para se expressarem oralmente durante as aulas, já reescrevem com mais facilidade pequenos textos, reconhecem o gênero textual poema com maior domínio, através desse trabalho compreenderam a importância da preservação do meio ambiente para a existência de todos os seres vivos. Demonstraram motivação e interesse em representar sua história através da escrita.

A conquista dos efeitos desse processo ultrapassou a matriz curricular, impactando questões sociais como a relação família/escola e também superando práticas didáticas desconexas com a realidade dos estudantes. Dessa forma, pude trabalhar esses princípios sociais e culturais de maneira efetiva e didática.

A viagem e a palestra motivacional despertaram nos alunos sentido e motivos para os estudos, hoje eles são mais presentes nas aulas e demonstram vontade em cursar uma faculdade no futuro.

Quanto às famílias, fizeram-se mais presentes, frequentando em maior número as reuniões, as apresentações de trabalho aberto à família e as festinhas. Vêm sempre quando convidados/convocados demonstrando interesse nos assuntos relacionados ao filho. Isso simplificou o trabalho da escola e, junto com a maior participação das famílias, motivou de forma positiva a aprendizagem do alunado, uma vez que a parceria entre família e escola traz impactos favoráveis não só para a vida e formação do aluno, como também vivifica a escola.

Recebi relatos de alunos falando que em casa brincam com os pais das mesmas brincadeiras aprendidas na escola após o projeto. É uma satisfação grandiosa ver que a escola oportuniza momento e experiências que contribui na aproximação pais/filhos, em que os maiores beneficiados são as crianças.

A comunidade teve um papel fundamental na contribuição do trabalho, pois foi através da boa vontade e disponibilidade da moradora antiga com seus relatos que desencadeou uma série de ações pedagógicas que contribuiu para a formação do educando.

Essa aproximação da comunidade/escola foi destaque no *Jornal o combatente*, um *blog* de grande repercussão que aborda assuntos importantes da região. Divulgação essa que veio somar, demonstrando o reconhecimento e a valorização do trabalho de toda equipe pedagógica. Também foi uma das matérias do jornal *Saber em conexão* da escola, um trabalho de grande impacto, que aborda assuntos relevantes desenvolvidos dentro do ambiente escolar, produzido semestralmente com o empenho de toda equipe escolar.

O papel dos professores junto à direção foi de grande relevância, através do apoio e ideias somadas ao trabalho, contribuiu para que o mesmo fluísse de forma satisfatória, pois conseguimos refletir e compreender a importância de interligar assuntos do cotidiano dos alunos com o currículo de forma simples e positiva.

Aprendemos a ter um olhar diferenciado sob nossos alunos, um olhar mais atento que procura ouvir e compreender as necessidades de cada aluno. Valorizando-os e motivando-os para os estudos, assim pude observar que os mesmos se encontram menos faltosos.

Esse trabalho possibilitou a todos os educandos menos resistência e uma maior abertura a projetos, pois aprenderam na prática a importância da união no corpo docente ao abordar a interdisciplinaridade dos conteúdos e fazer com que os alunos de todos os níveis interagissem num momento único.

Desse modo, pude desenvolver habilidades, no campo social, afetivo, e curricular a participação familiar no processo de aprendizagem e da importância de acreditar que os "erros" são uma fonte de aprendizagem, viabilizando um caminho de descobertas e desafios que estimula no educando o prazer do saber e do fazer.

Nossa missão sempre será preparar os alunos para serem independentes e superarem seus desafios como seres humanos e cidadãos. Jamais irei medir esforços para fazer com que meus alunos consolidem as competências fundamentais de que as necessitam para avançar em seus estudos.

Assim, nosso desafio nesse projeto foi despertar motivos para a aprendizagem. Motivos esses de verem o mundo com outros olhos e perceber que estar na roça não significa só capinar ou trabalhar no curral, vai muito além. Mostramos a eles que os estudos abrem portas, onde as oportunidades da vida acontecem, seja na cidade ou no campo. Cabe cada um trilhar sua própria história e fazer acontecer.

Meu trabalho com meus alunos não encerrou com esse projeto, mesmo porque trabalhos como esse que restabelece o diálogo e a ligação entre teoria e a vivência, entre o educar e a sensibilidade para com os educandos se torna algo essencial e interminável. Afinal, educação é, antes de mais nada, a criação de sentidos.

Reflexão

Conclusão

Acredito que esse projeto seja aplicável em qualquer região do Brasil, uma vez que toda comunidade tem sua cultura, suas peculiaridades e consecutivamente sua história. E trabalho que traz o resgate da cultura local que aborde uma aprendizagem significativa possibilitará aos alunos descobertas de múltiplos caminhos.

Enfim, um projeto desse porte, que englobe todo o grupo escolar e a comunidade serviu de exemplo para outras escolas da região, pois este trabalho foi apresentado pela supervisora em uma reunião na Superintendência Regional de Ensino de Carangola e discutido com outros supervisores. Assim, ultrapassou as paredes da escola.

Dessa forma, pude desenvolver meus objetivos, as habilidades e competências propostas de forma proveitosa. A interdisciplinaridade foi uma característica central para este projeto e acredito que atendeu à necessidade de uma experiência nesse sentido, serviu ainda para refletir sobre a prática pedagógica e ampliar horizontes não só dos professores, mas de todas as esferas envolvidas.

Para a educação do campo, esse projeto representa a possibilidade de tecer relações concretas sobre os conhecimentos, experiências escolares e extraescolares. Hoje projetos como esse fazem parte da PPP de nossa escola, tornou-se um itinerário de sucesso a ser seguido.

Concluí que essa experiência contribuiu muito para o meu aperfeiçoamento enquanto profissional e também pessoal; acredito que foi assim também com todos que se envolveram no projeto Educação do campo: um jeito de ensinar através do meio onde se vive.

REFERÊNCIAS

AZENHA, M.G. **Construtivismo de Piaget a Emília Ferreiro**. São Paulo: Ática, 1994.

BRASIL. Ministro da Educação. Lei nº. 9.394, de 20 de dezembro de 1996, **Lei de Diretrizes e Bases de Educação Nacional**. Brasília, 1996.

BRASIL. Ministério da Educação. **Diretrizes operacionais para a Educação Básica nas Escolas do Campo**. Brasília, MEC/CNE, 2002.

CALDART, Salete Roseli (Orgs.). **Educação do Campo: identidade e políticas públicas**. Brasília, 2002.

PERRENOUD, P. **Dez novas competências para ensinar**. Porto Alegre: Artmed, 2000.

MACEDO, Lino. **Ensaio construtivistas**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1989.

VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente**. Tradução de Neto, J. C. e colab. 1. Ed. São Paulo: Martins Fontes, 1984.